

Perspectivas para o comércio 2016/2017

Wellington Santos Damasceno
Economista. Mestrado em Economia
wesada@bnb.gov.br

Introdução

O documento tem como objetivo avaliar as perspectivas de curto prazo para o setor de Comércio que é o maior gerador de ocupações na economia brasileira.

O Setor

De acordo com os dados do IBGE, o setor era responsável por 19% das ocupações no terceiro trimestre de 2016. Conforme a Tabela 1, o Comércio gera mais ocupações que a Administração Pública (17,5%) e a Indústria Geral (12,9%).

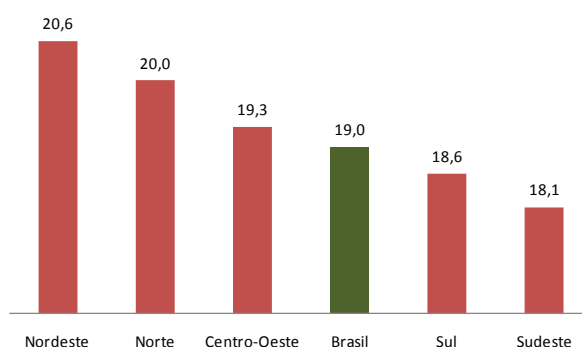
Tabela 1 – Participação % das atividades econômicas no total de ocupações – 3º trim 2016

Atividade	%
Comércio e reparação e veículos	19,0
Administração pública, defesa, seguridade social, educação e saúde humana	17,5
Indústria geral	12,9
Indústria de transformação	11,5
Informação, comunicação, atividades financeiras, imobiliárias e administrativas	10,7
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	10,0
Construção	7,9
Serviços doméstico	6,9
Alojamento e alimentação	5,2
Transporte, armazenagem e correio	5,0
Outro serviço	4,8

Fonte: Pesquisa de Emprego – IBGE (2016).
Elaboração: BNB-Etene

Sob o aspecto regional, a atividade tem maior participação no Nordeste com 20,6%, seguido pela região Norte com 20% e região Centro-Oeste 19,3%, tendo também participação superior à média nacional, conforme Gráfico 1 a seguir.

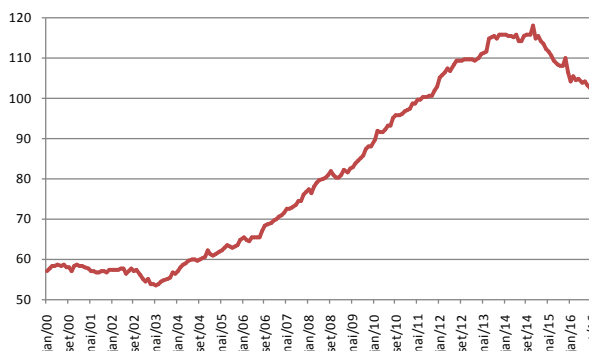
Gráfico 1 – Participação % do Comércio por Região – 3º trimestre de 2016



Fonte: Pesquisa de Emprego – IBGE (2016).
Elaboração: BNB-Etene

O Comércio Varejista, que não inclui as atividades de Venda de Veículos e de Material de Construção, tinha quase que dobrado o volume de vendas de 2003 a 2014. No entanto desde o primeiro semestre de 2014 vem reduzindo o número de vendas, chegando em 2016 a volumes observados pela última vez em 2011. No Gráfico 2, é possível observar o crescimento desde 2003, apenas com uma leve interrupção durante a crise de 2008/2009, e a queda iniciada em 2014 que fez com que os indicadores de volume regredissem quase 5 anos devido a recente crise.

Gráfico 2 – Volume do Comércio Varejista de Jan de 2000 a Set de 2016. Base 100=2011

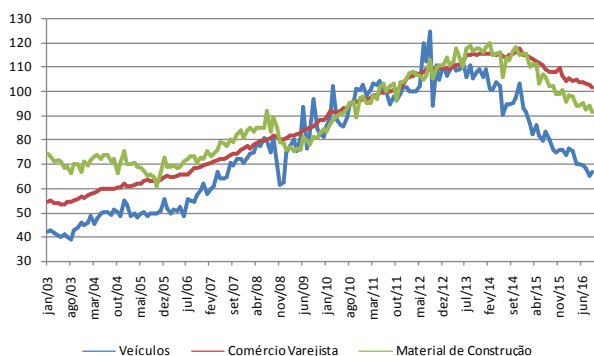


Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio – IBGE (2016).
Elaboração: BNB-Etene.

Sob a mesma comparação, as atividades de Vendas de

Veículos e Vendas de Material de Construção que tiveram crescimento até 2013, mostram clara tendência de queda e com menor resistência à crise. Conforme Gráfico 3, a atividade de Venda de Veículos, Motos, Partes e Peças, sofre com sucessivas quedas desde 2012, tendo retornado aos volumes de vendas de 2007. Apesar do volume das Vendas de Material de Construção não descer a níveis tão baixos como os das Vendas de Veículos, também demonstrou baixa resistência nos últimos anos da crise, com perdas superiores ao da média do Comércio Varejista.

Gráfico 3 – Volume das atividades do Comércio Varejista Ampliado de jan/2000 a set/2016. Base 100=2011



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio – IBGE (2016).
Elaboração : BNB-Etene.

Sob uma análise de curto prazo compreendida entre os meses de janeiro de 2014 a setembro de 2016, podem ser destacados alguns comportamentos das atividades que compõem o Comércio Varejista. A atividade com maior redução do volume foi a de Vendas de Livros, jornais, revistas e papelaria. Nesse caso específico, existem fatores que se somam à crise, a exemplo da rápida expansão de outras formas, inclusive gratuitas, de acesso ao conteúdo de notícias, entretenimento e de realização de tarefas que antes necessitavam de suporte físico em papel. Por outro lado, todas as atividades que de algum modo podem ser adiadas e possuem substitutos, tiveram quedas superiores à média nacional. Conforme a Tabela 2 somente as vendas de produtos indispensáveis, como os medicamentos, ou sem possibilidade de adiamento de compras, como os alimentos, conseguiram manter os volumes de vendas mesmo diante da atual crise.

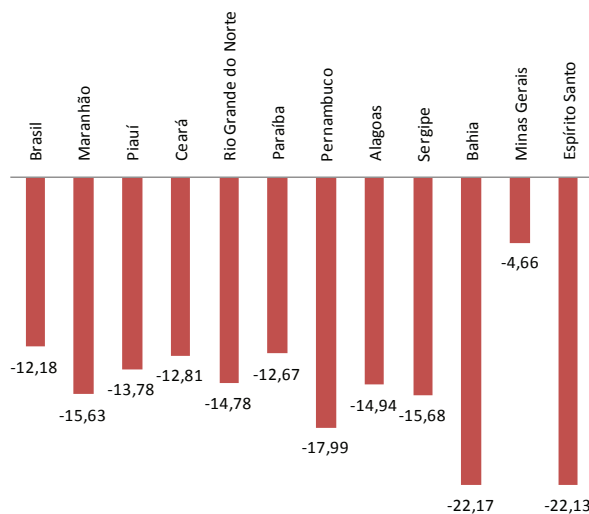
Sob o mesmo período de comparação, o volume de vendas nos estados da área de atuação do Banco do Nordeste, tiveram quedas superiores à da nacional, com exceção de Minas Gerais. As maiores quedas no período analisado foram na Bahia (-22,2%) e Espírito Santo (-22,1%). O melhor resultado foi o de Minas Gerais com queda de apenas 4,7% e portanto, melhor do que o resultado brasileiro.

Tabela 2 – Variação % do volume de vendas das atividades do Comércio Varejista

Atividade	jan/2014 a set/2016
Livros, jornais, revistas e papelaria	-34,0
Móveis e eletrodomésticos	-28,9
Tecidos, vestuário e calçados	-21,2
Combustíveis e lubrificantes	-16,9
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-13,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-13,0
Comércio varejista - Brasil	-12,2
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-8,0
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	1,0

Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio – IBGE (2016).
Elaboração : BNB-Etene.

Gráfico 4 – Variação % do volume de vendas do Comércio Varejista. Estados selecionados de janeiro de 2014 a setembro de 2016



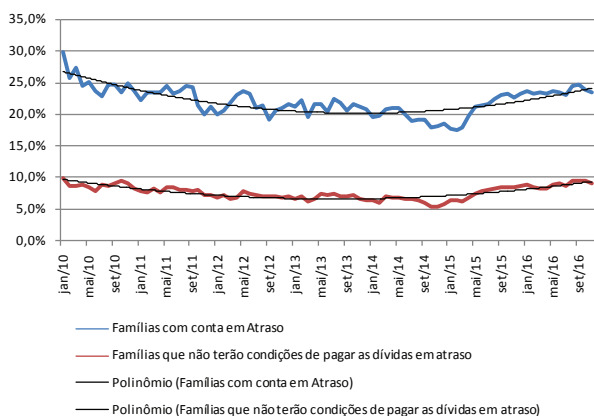
Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio – IBGE (2016).
Elaboração: BNB-Etene.

Não se observa no curto prazo condições para recuperação dos níveis e de velocidade de crescimento observados nos últimos anos, pois as condições de acesso ao crédito continuam restritas e associadas a um alto nível de desemprego. Soma-se a isso a inflação, que apesar da perspectiva de queda, ainda estará próxima ao teto da meta.

Outro fator que pesa negativamente sobre o setor é o nível de endividamento das famílias, que não permite a realização de compras via novas operações de crédito. Em novembro de 2016, 32,5% das famílias estavam com dívidas em atraso ou não teriam condições de pagar. Em 2015

o percentual de famílias naquela condição era um pouco menor, 31,2%. Naquele ano a série perdia a tendência de queda, com elevação do número de famílias com problemas em suas dívidas, conforme Gráfico 5.

Gráfico 5 – Percentual de famílias com atraso ou sem condições de pagamento e respectivas linhas de tendência – Novembro de 2016



Fonte: Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor. Peic-CNC (2016).
Elaboração: BNB-Etene

Também é observado um efeito negativo, resultado do crescimento acelerado das vendas nos últimos anos. A demanda reprimida que foi prontamente atendida, reduziu temporariamente o efeito substituição de diversos bens, justamente nos anos coincidentes com os da crise. As famílias ficaram com uma frota nova de veículos, eletrodomésticos, habitação e reformas realizadas. O crescimento esperado para o próximo ano, ainda será mais em função de um crescimento vegetativo, não sendo portanto, capaz de recuperar os volumes de vendas anteriores à crise.

Diante do comportamento apresentado pelo Comércio nas seções anteriores e das variáveis discutidas, é esperado um crescimento muito modesto em 2017, sem capacidade de reversão das perdas observadas recentemente. As previsões dos indicadores macroeconômicos para 2017, indicam um espécie de piso para a crise com retomada de crescimento consistente somente a partir de 2018. Para tanto será necessária a estabilização política que gerou diversas indefinições em 2016.

Até o fechamento do documento, o Governo Federal, estava elaborando o lançamento de um “pacote” de medidas para a retomada do crescimento econômico. Entre as medidas a serem anunciadas, estavam ajustes na estrutura de recolhimento de impostos e de abertura de empresas, com o objetivo de desburocratizar e racionalizar diversas etapas do processo produtivo. O objetivo seria ampliar a produtividade sob o escopo da eliminação de entraves burocráticos que não guardam relação com a produção. Esses obstáculos estariam servindo apenas como pontos de controle que não agregam segurança e agilidade ao sistema. Estaria também entre as medidas a ampliação do crédito às pessoas físicas.

O setor de Comércio poderá ser beneficiado com a situação de um piso para a crise no próximo ano, com a projeção de crescimento para 2017 em torno de 1% para o PIB (conforme projeções do Ministério da Fazenda, Relatório Focus, IBGE, Banco do Nordeste) e inflação de 5%. As mesmas projeções indicam crescimento de 4,6% da Carteira de Crédito, que é uma das variáveis importantes para o aumento do volume do Comércio, com aumento de 6,4% do crédito pessoal. No entanto o mesmo crescimento não é verificado para a compra de veículos, contudo espera-se uma situação de neutralidade, muito diferente da queda estimada de 12% em 2016 para o setor.

Referências

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO. **Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor-Peic**. Disponível em <www.cnc.org.br> acesso em 30 nov 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Pesquisa de Emprego**. Disponível em <www.ibge.gov.br> acessado em 30 nov 2016.

_____. **Pesquisa Mensal do Comércio**. Disponível em <www.ibge.gov.br> acessado em 30 nov 2016.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS-FEBRABAN. **Pesquisa FEBRABAN de Projeções Macroeconômicas e Expectativas de Mercado**. Disponível em <www.febraban.org.br> acessado em 30 nov 2016.